

NOVOS HORIZONTES: análise das motivações do turismo de intercâmbio

New Horizons: analysis of the motivations of the exchange tourism

Carla Rosane Dias Oliveira¹
Caroline Santos de Almeida¹
Kethlyn Martinez Gomes¹
Márcia Izabel Benites Bilharva¹
Patrícia da Silveira Cunha¹

Resumo: Este artigo propõe identificar as motivações daqueles que escolhem a experiência de intercâmbios estudantis como forma de enriquecer o seu conhecimento. Fundamentado em pesquisas e relatos pessoais que possibilitaram a construção deste trabalho, comprovou-se que o turismo de intercâmbio tem atingido um número significativo, já que o mercado de trabalho está exigindo profissionais mais capacitados com especializações para cada área de atuação. Ficou evidente que a experiência de intercâmbio causa um impacto positivo na vida dos estudantes, pois todos os relatos são unânimes nesse aspecto.

Palavras-chave: Intercâmbio. Planejamento. Turismo.

Abstract: This article proposes to identify the motivations of those who choose the student exchanges experience in order to enhance their knowledge. Based on research and personal reports that enabled the construction of this paper, it was proved that the exchange tourism has been reaching a significant number, since the labor market is demanding more capable professionals with specialization for each area of operation. It became clear that the experience of exchange causes a positive impact in the life of students, because all reports are unanimous in this aspect.

Keywords: Exchange. Planning. Tourism.

Introdução

A procura por viagens ao exterior com o propósito de estudar ou trabalhar tem evoluído substancialmente desde o surgimento do fenômeno *Grand Tour*. Neste contexto, o intercâmbio de estudos é uma atividade em expansão que, segundo dados da UNESCO (*United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*), em 2009 contava-se mais de dois milhões de estudantes de ensino superior de todo o mundo que estavam fora de seus países de origem realizando algum curso, seja superior ou de idiomas. A estimativa é de que em 2025 esse número alcance os oito milhões de estudantes na esfera internacional.

Constatou-se que entre os destinos mais procurados neste cenário são os Estados Unidos da América, com mais de meio milhão de estudantes estrangeiros, seguido pelo Reino Unido, Austrália e França, como apontou o *Institute of International Education* (IIE) em 2010. Mundialmente, o Brasil está classificado em quarto e sétimo lugares no *ranking* de maiores emissores de estudantes nos anos de 2007 e 2009, respectivamente.

A apreciação dos dados coletados sugere um aprofundamento do estudo abordando aspectos relacionados à história do turismo de intercâmbio estudantil, as motivações que ocasionam a procura neste segmento, bem como a investigação da realização do planejamento como ferramenta indispensável neste processo.

Este estudo pretende analisar os interesses relacionados ao turismo de intercâmbio, evi-

¹ Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSSELVI. Rodovia BR 470, Km 71, nº 1.040, Bairro Benedito. Caixa Postal 191. CEP 89130-000 – Indaial/SC. Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090. Site: www.uniasselvi.com.br

denciar a importância do planejamento prévio e demonstrar o processo que envolve a realização desta atividade. O elenco de informações, fatos e relatos aqui reunidos representa contribuição para que o seguimento turístico em pauta prossiga em constante crescimento e aperfeiçoamento, com celeridade e êxito.

O projeto visa discutir a relação da escolha do atrativo turístico de intercâmbio com a importância do domínio prévio das etapas essenciais para que esse aconteça, destacando as dificuldades inerentes ao contato com novas culturas e o enriquecimento resultante desta experiência.

Este trabalho está estruturado em 7 etapas. O primeiro capítulo apresenta a introdução do trabalho, os temas que serão abordados. O segundo capítulo aborda os aspectos históricos do segmento de intercâmbio no turismo, desde o século XIII quando a atividade recebia o nome de *Grand Tour*. No terceiro capítulo se descreve a importância do planejamento turístico para atividade, destacando os seus pontos principais. O quarto capítulo apresenta o turismo de estudos e intercâmbio, seus conceitos, classificações e evolução. No quinto capítulo encontra-se uma descrição do modo de escolha e organização do processo da viagem de intercâmbio. O sexto capítulo aborda aspectos das motivações que ocasionam a busca pela atividade de intercâmbio. O trabalho é concluído com a etapa das considerações finais.

Aspectos históricos

A partir do século XIII, as viagens de conhecimento tiveram uma maior procura. As pessoas viajavam pelo prazer e pela busca da informação e da cultura. As viagens começaram a ser mais procuradas com o desenvolvimento do capitalismo e a partir do momento em que a Europa começou a acelerar o seu desenvolvimento baseado na industrialização e na racionalização do trabalho.

Grand Tour é como ficou conhecido este acontecimento típico na Europa do século XIII, que se caracterizava, segundo Salgueiro (2002, p. 298) por: “viagens aristocráticas pelo continente europeu, anteriores à gradativa substituição do tempo orgânico pela regulamentação do tempo e sua divisão em tempo de trabalho e tempo de lazer no mundo moderno do capitalismo”. Essas viagens tinham como motivação o complemento dos conhecimentos culturais em países com uma maior cultura, compondo com isso, *status* social e cultural que a sociedade da época pedia.

José Vicente de Andrade (2000, p. 9) afirma que:

O *Grand Tour*, sob o imponente e respeitável rótulo “viagem de estudo”, assumia o valor de um diploma que lhes conferia significativo *status* social, embora na realidade a programação se fundamentasse em grandes passeios de excelente qualidade e repletos de atrativos prazerosos (...). Os ingleses, importantes e ricos, consideravam detentos de cultura apenas quem tivesse sua educação ou formação profissional coroada por um *Grand Tour* através da Europa (...).

Estas viagens tornaram-se parte essencial da educação de todo inglês de posse, sendo interrompidas durante a Guerra dos Sete Anos (1756-1763) e retornando com maior procura após o término da guerra.

Ao término do século XIII o turismo se tornava cada vez menos uma prática exclusiva dos ricos, crescia mais a procura por viagens mais curtas e menos custosas em termos de gastos.

A prática do turismo educativo, com o tempo, expandiu pelo continente europeu e pelos Estados Unidos da América, sendo amplamente utilizado por colégios particulares e universidades. No Brasil, alguns colégios de elite adotaram a prática de viagens culturais junto com os

professores especializados da própria instituição de ensino, visando o conhecimento do aprendizado educacional e cultural para o desenvolvimento educacional dos estudantes. Hoje, poucas instituições pedagógicas ainda mantêm esta prática, pois há diversas agências especializadas em intercâmbio internacional.

Planejamento turístico

Por sua amplitude e diversidade, torna-se difícil encontrar a definição exata para planejamento turístico, havendo muitas descrições para o mesmo. Newman (1991, p. 21) afirma que “planejar é decidir antecipadamente o que deve ser feito. (...) O planejamento é uma linha de ação pré-estabelecida”.

Para Lohmann e Panosso Netto (2008, p. 90) o planejamento turístico: “(...) é um processo que visa, a partir de uma situação dada, a orientar o desenvolvimento turístico de um empreendimento, local, região, município, estado ou país, tende, como meta, alcançar objetivos propostos anteriormente ou durante a própria elaboração do planejamento”. Logo, uma cidade que pretende receber turistas de intercâmbio possui a necessidade de um planejamento eficiente e mais rigoroso do que aquele já traçado por cidades costumeiramente receptoras.

É preconizante a qualidade do sistema educacional dessa cidade, esse deve ser bem organizado e a comunidade acadêmica necessita estar preparada com a troca cultural que acontecerá, tomando o cuidado no que se refere ao respeito por seus intercambistas.

Outro aspecto que deve ser considerado é o *marketing*, pois as informações sobre o local receptor é um fator importante para a escolha do destino dos estudantes. É imprescindível que os fatos divulgados sobre o destino procurado correspondam à realidade, visto que o turista busca em suas viagens suprir a lacuna que há em sua comunidade de origem.

Logo, o planejamento turístico é um recurso que tem por finalidade avaliar a atividade turística de uma localidade, ordenando as práticas humanas para que os equipamentos a serem utilizados sejam preservados, mantendo a sua atratividade.

Intercâmbio

“Turismo de Estudos e Intercâmbio constitui-se da movimentação turística gerada por atividades e programas de aprendizagem e vivências para fins de qualificação, ampliação de conhecimento e de desenvolvimento pessoal e profissional” (BRASIL, 2006. Marcos Conceituais – Ministério do Turismo).

Sendo o intercâmbio o movimento turístico motivado pela busca de conhecimento sobre os aspectos culturais e sociais de uma localidade, a procura por educação, independência, conscientização e reconhecimento cultural constituem o perfil dos turistas (geralmente estudantes).

De acordo com o Ministério do Turismo (BRASIL, 2012):

A educação internacional teve o seu valor ampliado nos últimos anos, passando a ser prioridade na agenda institucional de diversos países. Adquirir experiência internacional faz parte dos planos de milhares de estudantes de diferentes idades, níveis acadêmicos e de todos os lugares do mundo.

Nem mesmo as adversidades diminuem o desejo inicial do estudante em conhecer novos locais e culturas. Nota-se cada vez mais o interesse em aventurar-se em outro país, buscando, acima de tudo, conhecimento – seja este em instituições educacionais ou experiência pessoal.

Para Sebben (2007) viajar, observar, vivenciar outros destinos e outras culturas implica

conviver com modos de vida diferentes e ensina a respeitar valores e a administrar conflitos, reconhecendo a alteridade, por meio do acolhimento e da mútua preservação de identidades.

Segundo Teles (2004), além de propiciar fluência na língua estrangeira, o intercâmbio é importante para testar e desenvolver a capacidade de enfrentar problemas por conta própria e em ambiente desconhecido. Sendo assim, o intercambista, ao hospedar-se em outro país, sofre o interculturalismo, ou seja: as mudanças de visões, de mentalidades e de comportamentos por meio da interação entre pessoas de culturas diferentes, são definidas como interculturalismo (FLEURI, 2000). Independentemente dos objetivos e das motivações do estudante, o intercâmbio constitui-se em experiência turística, cultural e educacional.

Processo da viagem

As classificações do turismo de intercâmbio são: os cursos de idiomas, os cursos profissionalizantes, os estágios, os intercâmbios universitários, estudantis e esportivos. Dentre estas modalidades os estudantes escolherão a melhor para si. Primeiramente deve ser buscada a qualidade do curso ofertado na hora de escolher o destino da viagem, assim, procuram um intermediário (agências de intercâmbio e de turismo) no país de destino ou de origem. E, geralmente, escolhem o destino após efetuar uma pesquisa sobre o reconhecimento internacional do curso e de validação de diploma. O nível de escolaridade e de conhecimento do idioma estrangeiro, assim como o tempo de permanência no país, varia de acordo com a atividade. Considerando que, caracterizado como um segmento de atividade turística, esse tempo não deverá ultrapassar um ano. Saber o idioma local fluentemente não é pré-requisito para a viagem – visto que o intercâmbio pode ser feito para aprender o idioma – porém é necessário, se o aluno possuir aulas no idioma específico.

Após ter o local, curso e universidade escolhidos, o aluno deve pensar em como será feito o intercâmbio, se serão contratadas agências pagas ou se entrará em programas do governo (Ciência sem Fronteiras, Jovem Embaixador, Bolsas do CNPq, entre outros). O Brasil, enquanto país emissor desenvolve em alguns projetos, incentivos financeiros para os estudantes, principalmente para atender aqueles que comprovadamente carecem desses. Neste sentido, também realiza parcerias diplomáticas a fim de promover a qualidade de ensino público do país.

Cada um dos meios possui suas exigências para a viagem. Geralmente, os documentos básicos são: passaporte, procuração, seguro de saúde, documentos de identificação e uma tradução juramentada destes documentos. Então, a parte mais difícil é o visto, pois cada país estipula suas regras. Além do passaporte, são necessárias as informações da universidade ou escola em que o aluno estará estudando, e a partir disso é estipulado o tempo que ele permanecerá em outra localidade.

Da mesma forma que o apelo comercial induz ao consumo, o interesse do grupo em aprofundar o estudo pelo tema, foi ocasionado a partir dos depoimentos que as intercambistas, entrevistada 1 (Anexo A), entrevistada 2 (Anexo B) e entrevistada 3 (Anexo C), concederam na íntegra sobre suas vivências. As narrativas evidenciaram elementos substanciais, como o fator motivação, que se encontra explícito em cada uma delas. Por conseguinte, observa-se que existem semelhanças singulares em seus projetos iniciais, na execução, como também, não menos importante, do retorno da experiência, pois constatam o valor intrínseco de uma grande realização pessoal e profissional.

Motivações

O turista tem diversas motivações para fazer a viagem, entre elas: aprender um novo idioma, busca por uma educação globalizada, qualidade dos serviços, cursos conceituados e a experiência de viver em outra cultura. Esta última é apontada como um motivo muito importante, pois, o turista se propõe a estilos de vida diferentes do seu. Viajar envolve uma série de motivações culturais, humanísticas, sociais e econômicas. As motivações para o turismo vão desde descanso, integração social, comunicação, descobertas, ampliação de horizontes intelectuais, entre outras (KRIPPENDORF, 2009, p. 51).

O quadro a seguir resume as intenções dos intercambistas quanto à viagem. Geralmente, o maior interesse é conhecer novo local, com boa hospitalidade e boas organizações de ensino.

A facilidade em conseguir o visto e as formas de pagamento são diferenciais que podem ser ofertados aos estudantes, a fim de que este escolha o local mais adequado para o seu perfil.

Quadro 1. Resumo sobre os interesses do estudante

Interesses dos Intercambistas	Razões da definição da oferta pelas operadoras	Expectativas dos Intercambistas
<ul style="list-style-type: none">•Conhecer lugares e novas culturas.•Qualidade dos programas.•Diversão (atividade complementar).•Aventura e prática de esportes.•Contato com a natureza (consciência ecológica).•Crescimento pessoal e profissional.•Independência.	<ul style="list-style-type: none">•Produto inovador (novo destino).•Programa adequado ao perfil do estudante.•Preço competitivo.•Atividades complementares.•Organização da cadeia produtiva.•Política comercial do destino.•Assessoria e segurança.	<ul style="list-style-type: none">•Hospitalidade (ser bem recebido);•Qualidade dos serviços.•Segurança (estrutura, serviços e ambiente social).•Autenticidade da cultura.
Motivações das viagens	Estímulos para a escolha do destino	Diferencial na escolha

<ul style="list-style-type: none"> • Explorar outros países: 34%. • Descanso e diversão: 28%. • Visita a parentes e amigos: 17%. • Estudar fora: 9%. • Trabalhar fora: 7%. • Voluntariado: 3%. • Curso de línguas: 2%. 	<ul style="list-style-type: none"> • A motivação pessoal e o desenvolvimento da carreira (foco profissional). • Qualidade e reputação das instituições de ensino superior. • Oportunidade (concorrência dos países para atrair talentos). • A educação como fator econômico. • Programas de mobilidade. • Fatores geográficos, históricos, políticos, linguísticos e econômicos. 	<ul style="list-style-type: none"> • A facilidade de obtenção de vistos. • Qualidade da educação, reconhecimento do grau. • Facilidade de admissão universitária. • As opções de financiamentos disponíveis. • Custo de vida, segurança pessoal. • Linguística, fatores culturais e sociais. • Comunicação e promoção do destino. • Comunicação e informação, destacando-se a Internet como principal meio de acesso às informações.
---	--	--

Fonte: Ministério do Turismo e BELTA (2009)

Considerações finais

A análise das motivações para realizar um intercâmbio estudantil, apoiada nos relatos dos intercambistas sobre as suas experiências, revela que o interesse por essa atividade turística apresenta certa homogeneidade, pois as viagens nesse sentido têm em comum a busca por novas culturas e enriquecimento intelectual e profissional.

O estudo remonta a história do turismo de intercâmbio, baseando-se nas abordagens de pesquisadores sobre o tema e auxilia na compreensão da importância de um planejamento detalhado para viabilizar uma viagem intercultural. Segundo o exposto, as diferenças culturais podem se constituir em adversidades, portanto, além das motivações, é preciso muita informação e preparo prévio para empreender neste tipo de turismo.

Diante das pesquisas é oportuno concluir que a atividade de turismo de intercâmbio cultural tende a apresentar um crescimento expressivo, mas, apesar da existência de agências especializadas, percebe-se pouca divulgação para atingir um público maior.

Este trabalho contribui na intenção de divulgar o turismo de intercâmbio, de conscientizar sobre o planejamento adequado e de aproximar o potencial intercambista das experiências realizadas e que aqui são compartilhadas.

Sugere-se um estudo mais detalhado da contribuição cultural que a atividade de intercâmbio proporciona aos participantes, assim como um estudo comparativo de suas motivações e realizações alcançadas. Estes estudos poderão apoiar melhorias nas ações de incentivo à prática de intercâmbio no Brasil.

Referências

ANDRADE, José Vicente de. **Turismo**: fundamentos e dimensões. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Segmentação do Turismo: Marcos Conceituais**. Brasília: Ministério do Turismo, 2006.

_____. Ministério do Turismo. **Turismo de Intercâmbio: orientações básicas**. 2012. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio_publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_de_Estudos_e_Intercambio_Versxo_Final_IMPRESSO.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2015.

_____. Ministério do Turismo. **Marcos Conceituais**. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio_publicacoes/downloads_publicacoes/Marcos_Conceituais.pdf> Acesso em: 10 abr. 2015.

_____. Ministério do Turismo; BELTA, Associação Brasileira de Organizadores de Viagens Educacionais e Culturais. **Estudo de Inteligência de Mercado para o Segmento de Estudos e Intercâmbio**. Brasília: Embratur. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

_____. Ministério do Turismo; BELTA, Associação Brasileira de Organizadores de Viagens Educacionais e Culturais. **Estudo de Inteligência de Mercado para o Segmento de Estudos e Intercâmbio**. Brasília: Embratur, 2009:17-48. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

BELTA. **Brazilian educational & language travel association**. Disponível em: <<http://www.belta.org.br>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

BÜHLER, Juliane. **Do Caraá ao Canadá**. Entrevista concedida por uma intercambista. Santo Antônio da Patrulha, 30 mar. 2015.

FLEURI, Reinaldo Matias. Multiculturalismo e interculturalismo nos processos educativos. In: **Encontro Nacional de Didática e Prática de ensino – ENDIPE**. Ensinar e aprender: sujeitos, saberes e pesquisa. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

IIE - **Institute of International Education**. Disponível em: <<http://www.iie.org/>> Acesso em: 15 abr. 2015.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. São Paulo: Aleph, 2009.

LOHMANN, G.; NETTO PANOSSO, A. **Teoria do turismo: conceitos, modelos e sistemas**. São Paulo: Aleph, 2008.

NEWMAN, W. H. **Ação administrativa: as técnicas de organização e gerência**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

OLIVEIRA, Ana Luisa Dias. **Programa Jovens Embaixadores: uma experiência para a vida inteira**. Entrevista concedida por uma intercambista. Porto Alegre, 30 mar. 2015.

PANIZ, Júlia. **Planejando a sua viagem de intercâmbio**. Disponível em: <<http://www.e-dublin.com.br/planejando-a-sua-viagem-de-intercambio-2014-parte-i/>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

SALGUEIRO, Valéria. GRAND TOUR: uma contribuição a história de viajar por prazer e por amor à cultura. In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 289-310. 2002.

REIS, Marília Gomes. **Turismo: como aprender, como ensinar**. v. 2. São Paulo: Senac, 2002.

SEBEN, A. S. Um estudo exploratório sobre o intercâmbio cultural com a contribuição da psicologia intercultural e da educação intercultural. 2001. 150 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Centro de Filosofias e Ciências Humanas. UFSC, Florianópolis, 2001.

SEBEN, A. **Intercâmbio cultural: para entender e se apaixonar**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2007.

TELES, J. M. **Coisas que todo jovem precisa saber**. São Paulo: Melhoramentos, 2004.

TOMAZZONI, Edegar Luis; OLIVEIRA, Caroline Cunha de. **Turismo de Intercâmbio: perfis dos intercambistas, motivações e contribuições da experiência internacional**. Disponível em: <<http://www6.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/5116>>. Acesso em: 5 abr. 2015.

UNESCO. **United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization**. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/en/>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

ANEXO A – Relato da entrevistada 1

Programa Jovens Embaixadores: Uma experiência para a vida interior

Conheci o Programa Jovens Embaixadores enquanto aluna de outro programa, também da Embaixada Norte-Americana, chamado Programa *Access*, que oferecia bolsas de estudo de dois anos para estudar inglês no Instituto Cultural. O *Access* oferece essa bolsa de estudo, mas pede que os alunos façam alguma atividade voluntária, pois já que recebíamos essa bolsa, seria uma forma de também fazer bem para o próximo. O trabalho voluntário me abriu os olhos para uma realidade bastante crítica e necessitada do Brasil e minha comunidade. Depois de um ano fazendo o trabalho voluntário, me tornei apta para me inscrever no Programa Jovens Embaixadores. Este seleciona 35 jovens em todo o país que tenham perfil de liderança, estejam cursando o ensino médio na rede pública de ensino, com boas notas, tenham capacidade de se comunicar em inglês, pertençam à camada socioeconômica menos favorecida e estejam engajados em atividades voluntárias em suas comunidades.

A primeira etapa do processo seletivo é *on-line*. Tu tens que se submeter a um formulário com todas tuas informações e documentos de comprovação de renda, escolaridade, liderança etc. Se tu te encaixas em todos os requisitos, é chamado para realizar uma prova escrita, em inglês, com perguntas referentes ao teu posicionamento frente a determinadas situações, tua opinião quanto a assuntos de importância social e um pouco da tua personalidade. Os mais aptos são chamados, então, para uma entrevista oral, com perguntas similares às do teste escrito. E nessa etapa os avaliadores até conhecem o ambiente que tu vives para se certificarem de que

estão escolhendo os jovens certos. Aqueles que passam nessa etapa vão para a seleção nacional, em que a própria embaixada examina os documentos de todos os jovens e escolhem os 35 que representarão seus estados e país num intercâmbio de três semanas nos EUA, em Washington D.C. e mais uma cidade (no meu caso, Seattle).

Neste intercâmbio, os jovens participam de atividades como palestras e *workshops* com o objetivo de aprenderem mais sobre cultura, diplomacia, liderança e a importância do trabalho comunitário. Na capital estadunidense, ficamos hospedados em um grande centro de conferência juvenil e temos uma agenda bastante apertada entre visitas a lugares como o Departamento do Estado, monumentos e também atividades de integração e desenvolvimento de nossas habilidades como jovens de liderança. Nas pequenas cidades, ficamos cada um hospedado na casa de uma família nativa, onde temos a oportunidade de viver por alguns dias como um verdadeiro norte-americano, além de ter a oportunidade de frequentar a escola local e conhecer indivíduos e comunidades de diferentes culturas e tradições, mas com a mesma vontade de mudar o mundo.

O intercâmbio é um abrir de portas para todos esses jovens que têm vontade de fazer a diferença. Além de ser uma realização de sonhos, garante a diplomacia entre estes dois países e também forma indivíduos com experiências, mais conhecimento e que, ao voltar para suas cidades, tenham a capacidade de colocar em prática todos seus aprimoramentos com aqueles que precisam.

ANEXO B – Relato da entrevistada 2

Do Caraá ao Canadá

Participar de um intercâmbio sempre foi um grande desejo, porém financeiramente parecia inviável. Cheguei a visitar uma empresa que oferecia o programa de *Au Pair* nos Estados Unidos, mas mesmo esta modalidade de intercâmbio sendo mais barata, ainda era muito cara para mim. Com isso, acabei deixando este sonho de lado por um tempo.

Ao entrar na universidade em 2009, um dos professores me falou sobre um programa de estágio na Alemanha, e por ter sobrenome alemão ele pensou que eu sabia falar a língua, o que não é o caso. Mas este simples fato me fez ficar atenta à possibilidade de cursar parte da graduação em outro país. Então, em outubro de 2011, ouvi falar do primeiro edital do CsF (Ciência sem Fronteiras) para os Estados Unidos e comecei a me organizar e correr atrás dos pré-requisitos necessários.

Na época, estes pré-requisitos eram ter boas notas na universidade, não ter reprovado em nenhuma disciplina, ter completado no mínimo 20% e no máximo 90% da graduação e um nível de proficiência em Inglês de básico a intermediário.

Fui a primeira do Campus a passar na seleção do CsF (Ciência sem Fronteiras), então, nem professores, coordenadores ou mesmo o Pró-reitor de Graduação sabia me orientar. Fui insistente e passei na primeira fase do edital para intercâmbio no Canadá. Depois desta primeira fase eles exigiam uma cópia do meu histórico escolar traduzido para o inglês, comprovante da minha proficiência na língua e a aceitação da minha candidatura pela minha universidade. Quando todas estas exigências foram respondidas era hora de escolher a universidade canadense que eu gostaria de estudar. No final de 2012 recebi a carta de aceite da *University of Lethbridge*, que fica situada na província de Alberta no oeste do Canadá.

Começava uma das semanas mais críticas da minha vida, pois tinha aproximadamente um mês e meio para conseguir todos os documentos e os atestados médicos para o visto, comprar passagens, organizar questões trabalhistas, terminar o semestre na universidade e me despedir da família. Foi tenso.

No dia 31 de dezembro de 2012 embarquei para o Canadá, foram quatro longos voos

até chegar a minha cidade de destino, sem contar que passei o Ano Novo no avião. Lethbridge é uma pequena cidade que fica mais ao sul da província de Alberta, já próximo à divisa com o estado de Montana, nos Estados Unidos. É uma cidade pacata que gira em torno da agricultura, pecuária e da Universidade. Minha maior dificuldade de adaptação era a língua, pois meu inglês era muito básico. Devido a este fato, os primeiros quatro meses foram dedicados às aulas de inglês que tivemos na Universidade. Éramos um grupo de 14 brasileiros estudantes do CsF (Ciência sem Fronteiras) morando e estudando na Universidade, um ajudava o outro, o que me fez superar as primeiras adversidades.

Passados os primeiros meses de curso e com a chegada do verão, tínhamos que realizar um estágio. Como curso Engenharia Agroindustrial Agroquímica no Brasil, apliquei para um “*summer job*” em um centro de pesquisa federal que existia na cidade, chamava-se *Agriculture and Agri-Food Canada - Lethbridge Research Center*. Comparo este centro de pesquisa com a nossa EMBRAPA aqui no Brasil, pois este é um centro de referência em pesquisa aplicada ao desenvolvimento da agricultura e pecuária no Canadá nos mesmos moldes da EMBRAPA. Participei de um projeto de pesquisa com uma pesquisadora chinesa chamada Xiing Hao e só no laboratório dela trabalhavam mais cinco canadenses, um nigeriano e mais uma brasileira além de mim.

Este estágio foi muito importante para a minha carreira, pois me deu a experiência no ramo da pesquisa científica além de permitir que eu conhecesse pessoas de todo o mundo. Só a sala coletiva que eu ficava tinha mais uma australiana, uma chinesa, um indiano e um camaronês. Tive a oportunidade de aprender muito com eles, pude trabalhar no campo coletando amostras de solo e de gás para análises sobre o efeito da pecuária nos gases do efeito estufa e também desenvolvemos trabalhos sobre o impacto da criação de gado nas águas superficiais e/ou subterrâneas e no solo.

Além disso, no centro de pesquisa, tínhamos um clube latino que se reunia uma vez por mês para comentar do nosso saudosismo dos países de origem. Éramos brasileiros, argentinos, chilenos, espanhóis, peruanos, colombianos, venezuelanos, entre outros agregados. E a língua falada neste clube era uma mistura de inglês, português, espanhol, castelhano eportunhol. Sempre muito divertido para descontrairmos do clima sério dos laboratórios.

Passado o verão, chegou o tempo de começar a estudar na universidade. Meu curso no Canadá era *Agriculture Biotechnology*, que nada mais é do que biotecnologia aplicada à agricultura. Durante os dois semestres que estudei na universidade estudei sete disciplinas diferentes, incluindo: química orgânica, química geral, estatística, física, bioquímica, história da agricultura, além das disciplinas de práticas de laboratório. Foram oito meses bem corridos, muitas aulas, muitos relatórios de laboratório, muitos “*homework*” que é como eles chamam os temas de casa. No início tinha medo que não conseguiria acompanhar as aulas ou as avaliações por causa da língua, mas para a minha surpresa, não tive dificuldades e passei em todas as disciplinas que cursei.

Outro fato importante que não posso deixar de comentar é o clima. Primeiro porque todo canadense adora comentar sobre o clima, e segundo porque eu nunca tinha vivido sensações tão extremas. Durante o inverno o dia mais frio que enfrentei foi -50 °C. Neste dia, Lethbridge era o local mais gelado da Terra. Claro que eu nem saí na rua. Mas em compensação, no verão cheguei a pegar 36 °C. Como entender um clima desses? A parte boa é que aprendi com os canadenses a aproveitar qualquer temperatura. Durante o inverno mesmo fazendo frio dá para esquiar, patinar nos lagos congelados, fazer caminhadas com *snowshoe*, conhecer as regiões de montanhas cobertas de neve. Enquanto no verão, dá para aproveitar os parques cheios de animais selvagens como ursos, coiotes e raposas, fazer piqueniques, andar de canoa ou caiaque nos lagos, fazer caminhadas nas montanhas, agora sem neve. O importante é que para eles não

tem tempo ruim, dá para se divertir em qualquer estação do ano.

Como meu interesse era aprimorar ainda mais o meu inglês, comecei a trabalhar. Trabalhava nos jogos de basquete da universidade controlando as pessoas para que não entrassem na quadra ou organizando as brincadeiras durante os intervalos. Depois comecei a trabalhar na empresa que cuidava de toda a parte de alimentação da universidade. Meu trabalho era organizar os eventos como cafés para reuniões, almoços em eventos esportivos. Trabalhei até de *bartender* em alguns eventos em galerias de artes e mostras de cinema. Não precisava trabalhar porque a bolsa que recebemos do governo brasileiro é suficiente para viver bem, pagando aluguel e todas as contas mensais. Além disso, as despesas como pagamento de mensalidades eram pagas pelo governo brasileiro diretamente para a universidade. Mas a experiência de ter trabalhado valeu a pena pelos amigos que fiz e como eu disse, pela prática da língua.

Minha avaliação do CsF (Ciência sem Fronteiras) é a mais positiva possível pois ele me deu a chance não só de realizar o sonho de morar em outro país mas agregou muito ao meu currículo enquanto futura engenheira. Claro que pessoalmente também foi um grande crescimento e amadurecimento. Este tempo longe da família e principalmente o convívio com outras culturas geraram marcas profundas com relação ao respeito aos outros e as diferenças. Percebo que hoje vejo o mundo com outros olhos e que viajar não é algo tão distante como parecia no princípio, mas que o mundo é menor do que imaginamos e que o gasto com viagens na verdade é um investimento na vida pessoal.

ANEXO C – Relato da entrevistada 3

O que me fez fazer intercâmbio?

Optei fazer faculdade de turismo com ênfase em hotelaria e nessa profissão o inglês é essencial. Além disso, sempre tive a curiosidade de conhecer uma língua nova e alguma que me fosse útil. Outro motivo foi o grande desejo de vivenciar a cultura de outro país.

Foi a melhor experiência que já tive. Fiz o intercâmbio por um ano e nesse período aprendi muita coisa. Logo que cheguei não tive muito contato com a língua inglesa, passava o maior tempo com amigos brasileiros, aliás, um dos pontos negativos foi esse, ter no meu círculo de amigos apenas brasileiros. No primeiro período de seis meses, onde frequentava a escola, foi um período de grandes descobertas. Onde aprendi a me virar sozinha, tive que fazer coisas que nunca fiz ou que não fazia com frequência aqui no Brasil (fazer comida, lavar roupa, pagar contas, ir ao mercado, ter que ter um planejamento financeiro...). Depois que acabei o curso, fui morar no interior onde eu morava com uma família e cuidava do bebê deles. Essa sem dúvida foi a minha melhor escolha. A família me tratava como se fosse uma filha, literalmente, já me sentia parte deles. Nesse período consegui exercitar bastante o inglês, acordava e ia dormir falando inglês. Além de aprender uma nova língua, tive a oportunidade de conhecer diversos lugares diferentes, conhecer culturas que jamais imaginaria conhecer e também de crescer e amadurecer como pessoa.

Ir para a Irlanda foi, inicialmente, porque uma amiga gostaria de ir para a Europa, e o único lugar que tínhamos permissão de trabalho seria lá. Além disso, Irlanda chama atenção por ser um país de fácil acesso a outros países na Europa. A locomoção lá dentro é muito fácil e barata. O aprendizado de novas culturas, descoberta de mais de nove países, amigos de todos os lugares do mundo que conheci lá e mantenho contato até hoje e a experiência de ter feito um intercâmbio foi algo positivo. Entretanto, acho que eu poderia ter me dedicado mais às aulas e ter aproveitado mais a cidade.

Artigo recebido em 15/06/16. Aceito em 18/08/16.
